



**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
CENTRO DE ESTUDOS AFRICANOS**

XIII Curso de Difusão Cultural “Introdução aos Estudos de África”
de 16 de março a 15 de junho de 2011

RETRATO DO COLONIZADO PRECEDIDO PELO RETRATO DO COLONIZADOR

PARTE II – RETRATO DO COLONIZADO

2. Situações do colonizado

...E A SITUAÇÃO DO ESCRITOR

Espantamo-nos de que o colonizado não tenha literatura viva na sua própria língua. Como recorreria a ela, se a desdenha? Como, se é afastado de sua música, de suas artes plásticas, de toda sua cultura tradicional Sua ambigüidade lingüística é o símbolo, e uma das maiores causas de sua ambigüidade cultural. E a situação do escritor colonizado é disso uma perfeita ilustração.

As condições materiais da existência colonizada bastariam, sem dúvida, para explicar sua raridade. A miséria excessiva do maior número reduz ao extremo as oportunidades estatísticas de ver nascer e crescer um escritor. Mas a história nos mostra que basta uma classe privilegiada para prover de artistas um povo interior. De fato, o papel do escritor colonizado é por demais difícil de sustentar: encarna todas as ambigüidades, todas as impossibilidades do colonizado, levadas a um grau extremo.

Suponhamos que tenha aprendido a manejar sua língua, até mesmo a recriá-la em obras escritas, que tenha vencido sua profunda recusa a servir-se dela; para quem escreveria, para que público? Se se obstina em escrever na sua língua, condena-se a falar para um auditório de surdos. O povo é inculto e não lê língua alguma. Os burgueses e os letrados só entendem a do colonizador. Uma única saída lhe resta, que se apresenta como natural: escrever na língua do colonizador. Como se não fosse senão mudar de impasse!

É preciso, sem dúvida, que supere seu *handicap*. Se o bilingüe colonial tem a vantagem de conhecer duas línguas, nenhuma domina totalmente. Isso explica igualmente a lentidão com que nascem as literaturas colonizadas. É preciso malbaratar muita matéria humana, fazer inúmeras tentativas para ter a oportunidade de um acaso feliz. Após o que, ressurgem a ambigüidade do escritor colonizado, em forma nova porém mais grave.

Curioso destino o de escrever para um povo que não o seu! Mais curioso ainda o de escrever para os vencedores de seu povo! Surpreende a aspereza dos primeiros escritores colonizados. Esquecem-se de que se dirigem ao mesmo público cuja língua

tomam emprestada. Não se trata, porém, nem de inconsciência, nem de ingratidão, nem de insolência. A esse público, precisamente, já que ousam falar, que irão dizer a não ser seu mal-estar e revolta? Esperavam palavras de paz daquele que sofre de uma longa discórdia? Reconhecimento por empréstimo a juros tão altos?

Por um empréstimo que, aliás, nunca será senão um empréstimo. A rigor, substituímos aqui a descrição pela previsão. Mas é tão legível, tão evidente! A emergência de uma literatura de colonizados, a tomada de consciência de escritores norte-africanos, por exemplo, não é um fenômeno isolado. Participa da tomada de consciência de si mesmo de todo um grupo humano. O fruto não é um acidente ou um milagre da planta, mas o sinal de sua maturidade. Quando muito o surgimento do artista colonizado precede um pouco a tomada de consciência coletiva da qual participa, que acelera com sua participação. Ora, a reivindicação mais urgente de um grupo que se recupera é certamente a *libertação e a restauração de sua língua*.

Se me surpreendo, em verdade, é de que possam surpreender-se. Somente essa língua permitira ao colonizado retomar seu tempo interrompido, reencontrar sua continuidade perdida e a de sua história. A língua francesa é apenas um instrumento, preciso, eficaz? Ou esse cofre maravilhoso, onde de acumulam as descobertas e as conquistas, dos escritores e dos moralistas, dos filósofos e dos sábios, dos heróis e dos aventureiros, onde se transformam em uma só legenda os tesouros do espírito e a alma dos franceses?

O escritor colonizado, que chegou penosamente à utilização das línguas européias – a dos colonizadores, não o esqueçamos – não pode deixar de servir-se delas para reclamar em favor da sua. Não se trata nem de incoerência nem de reivindicação pura ou cego ressentimento, mas de uma necessidade. Não o fizesse e todo o seu povo acabaria por fazê-lo. Trata-se uma dinâmica objetiva que ele alimenta, certamente, mas que o nutre e que continuaria sem ele. Fazendo-o, se contribui para liquidar seu drama de homem, confirma, acentua seu drama de escritor. Para conciliar seu destino consigo mesmo poderia tentar escrever na sua língua materna. Mas não se refaz tal aprendizagem em uma vida humana. O escritor colonizado está condenado a viver suas rupturas até a morte. O problema só pode resolver-se de duas maneiras: pelo esgotamento natural da literatura colonizada; as próximas gerações nascidas na liberdade escreverão espontaneamente na sua língua recuperada. Sem ir tão longe, outra possibilidade pode tentar o escritor: decidir-se a pertencer totalmente à literatura metropolitana. Deixemos de lado os problemas éticos suscitados por tal atitude. É então o suicídio da literatura colonizada. Nas duas perspectivas, só o prazo diferindo, a literatura colonizada de língua européia parece condenada a morrer jovem. (p. 98-100)

MEMMI, Albert. *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*. Trad. R. Corbvisier e M. Pinto Coelho. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.